



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**Edmundo de Drummond Alves Junior**

**(depoimento)**

**2016**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-668

**Entrevistado:** Edmundo de Drummond Alves Junior

**Nascimento:** não informado

**Local da entrevista:** Niterói, RJ

**Entrevistadora:** Pamela Siqueira Joras e Rejane Penna Rodrigues

**Data da entrevista:** 18/03/2016

**Transcrição:** Leila Carneiro Mattos

**Copidesque:** Ivone Job

**Pesquisa:** Pamela Siqueira Joras

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 01 hora 04 minutos e 54 segundos

**Páginas Digitadas:** 18 páginas

**Observações:**

Entrevista realizada para o *Projeto Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Formação em Educação Física; Atuação na Universidade Federal Fluminense; Estudos sobre envelhecimento; Envolvimento com o Programa Esporte e Lazer da Cidade; Envolvimento com o programa Vida Saudável; Formação de agentes sociais; Rede Cedes; Contribuição do lazer.

Niterói, 18 de março de 2016. Entrevista com Edmundo de Drummond Alves Junior a cargo das pesquisadoras Pamela Siqueira Joras e Rejane Penna Rodrigues para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte

P.J. – Professor Edmundo, em primeiro lugar eu gostaria de lhe agradecer por disponibilizar um pouco do seu tempo para conversar conosco. Assim, eu gostaria que começasse falando sobre a sua formação e o seu envolvimento com a temática do lazer.

E.J. – Bom! Eu entro para a formação em Educação Física no ano de 1970, como a grande maioria daqueles que entravam por uma origem no esporte de competição e consegui passar pela faculdade com uma visão de Educação Física na escola, do ensino das questões pedagógicas sendo mais fundamentais do que as questões do vencer pelo vencer. A gente consegue trabalhar na universidade desde o ano de 1977, então, de 1977 até hoje eu trabalho aqui na Universidade Federal Fluminense e dentro de uma proposta que subvertia o momento histórico da sociedade brasileira com relação ao esporte, ao esporte de competição e ao que se fazia na Universidade e na Educação Física como um todo. Resumidamente, era o momento em que foi feita uma legislação que obrigava todas as instituições de ensino superior e todos os graus de ensino a terem Educação Física. De um momento para o outro todas as universidades do Brasil tiveram que incluir a disciplina de Educação Física e nessa inclusão foi feita uma proposta, aqui na universidade, que já não tinha instalações nenhuma e continuamos ainda a não tê-las naquele momento. A gente começa a ser um curso de Educação Física escolar, atendendo a Educação Física obrigatória por esta lei que era de dois créditos, ou seja, dois semestres. Um dos elaboradores dessa proposta foi o professor Alfredo Faria Junior<sup>1</sup> que teve naquele momento um deslumbre de pensar que o problema não era competição, mas que ao mesmo tempo a competição estaria presente. Então ele criou uma Educação Física obrigatória, que a gente poderia dizer assim, que seria para aqueles do mundo dos estudantes, da universidade que iriam cumprir aquela obrigatoriedade mas que não eram atletas; eram pessoas que queriam aprender a jogar voleibol, queriam aprender a nadar, queriam aprender judô, mas paralelamente, a gente dava oportunidade a estes que eram ligados ao esporte de praticar o esporte de competição sem que participássemos dos Jogos da

---

<sup>1</sup> Alfredo Gomes de Faria Júnior.

Federação dos Esportes Universitários, ou do Rio de Janeiro, ou do âmbito da CBDU<sup>2</sup>, que era na época do desporto universitário a nível brasileiro. A gente considerava já naquele momento que a universidade pública não tinha essa finalidade, de competir com outros que faziam, inclusive, da Educação Física competitiva, dessa competição, a sua publicidade e de que, contratando para participar pessoas que nem alunos eram... Então a gente conseguiu manter durante muito tempo esse modelo com empréstimos de instalações. Avançando nos anos a proposta dessa instituição vai no sentido de primeiro acabar com a obrigatoriedade e transformar essa obrigatoriedade em uma matéria eletiva que continua até hoje, ou seja, sem ser uma obrigação. E a gente atende aos alunos da universidade de forma curricular que a gente chama, ou seja, eles ganham um crédito eletivo de uma disciplina eletiva para a formação deles, mas só que é o aprendizado na natação e o aprendizado em lutas. A gente continuou de certa forma até hoje fazendo, porém, nesse meio termo surgem algumas situações como, por exemplo, a opção que nós tivemos de não começar por um curso de Educação Física de formação e começar com o curso de pós-graduação lato sensu para qualificar a rede pública de ensino de forma a ter uma visão de Educação Física escolar diferenciada. Depois disso, paralelamente, diversos professores passaram a fazer a sua pós-graduação, esses quadros de professores diversos a fazerem mestrados, outros mestrados e doutorados e fora daqui da instituição. Quando a gente passa - e isso é uma avaliação minha, pode não ser a dos outros, mas eu estou contando a minha história - por parte dos professores uma visão diferenciada da Educação Física e mesmo que a gente já tivesse a nossa visão diferenciada por uma imposição legal e que adequou-se a proposta do professor Faria Junior, mas que a gente não perdia a nossa origem de ser um ex-atleta ou coisa assemelhada. Quando a gente trabalha com esse curso de Educação Física escolar a gente pode ampliar as nossas discussões ainda sem instalações, então, a gente está nos anos 1980 e depois a gente entra nos anos 1990, e depois a gente entra no anos 2000 e só em 2000 e alguma coisa nós criamos um curso de formação de professores que é um curso de Licenciatura. E ai, quando a gente tem um curso de Licenciatura em Educação Física, a gente tem uma proposta pedagógica que começa a partir de uma experiência de que um grupo de professores que já vinha desde os anos 1970 pensando uma educação pública diferente e a questão nossa de ir para os cursos de pós-graduação é uma questão crucial porque a gente começa a deslumbrar a ideia do lazer, a ideia de uma

---

<sup>2</sup> Confederação Brasileira de Desportos Universitários.

Educação Física, não pelos aspectos biomédicos, e aí há uma característica interessante que é a formação daqui da universidade. Primeiro a ligação, quer dizer, dentro de um organograma, se a gente pudesse assim falar de onde estava a Educação Física num primeiro momento... Era ligada diretamente ao gabinete do reitor, depois a gente sai e vira uma coordenação e essa coordenação passa a ficar ligada aos centros que tinham os institutos na universidade e quais eram esses centros? Centro de Ciências da Saúde, Centro de Ciências Sociais, Centro de Engenharia Tecnológica e um centro que é o Centro de Estudos Gerais. Se a gente fosse pela lógica do CNPq<sup>3</sup> e da CAPES<sup>4</sup> a gente iria para o Centro da Saúde. A gente não foi para o Centro da Saúde, a gente poderia pensar: “Bom! Se não está no Centro da Saúde, está no de Ciências Humanas e Educação.” Nós não fomos para a Educação, nós fomos para o Centro de Estudos Gerais onde estavam os Institutos de História, Sociologia, Antropologia, Psicologia e que nos davam, de certa forma, uma liberdade de pensar a Educação Física de uma forma múltipla e isso facilitou esse campus. Ele foi construído, vocês estão aqui presentes, ele foi construído com dinheiro do MEC<sup>5</sup> BID<sup>6</sup> e no MEC BID nós não fomos incluídos. Todo esse aterro... Nós só fomos incluídos no espaço, mas sem recursos, a gente tinha o espaço mas não tinha recursos e que queiramos ou não queiramos é importante. A gente precisa de determinados espaços para fazer a nossa sala de aula, quadras, piscinas que são caras e diferentes do que são outros cursos. Fazer um curso talvez de Direito seja mais fácil do que fazer um curso de Educação Física, mais barato e aí depois que a gente já está na quarta ou quinta turma de formados, nesse meio termo, a gente aprofundou as nossas possibilidades de intervenção junto a comunidade. A gente nunca deixou de trabalhar com a comunidade nas atividades de extensão e sempre com a perspectiva de fazer uma extensão que fosse ligada ao ensino e à pesquisa. Só que dentro das universidades públicas a extensão ainda é o patinho feio que não tem recursos, que não adianta nada porque o que vai importar são os doutores fazendo pesquisa... Mas só que a gente pensa nessa integração de ensino, pesquisa, extensão e isso a gente pode fazer em todas as propostas e da minha parte específica eu que era um professor ligado a área de lutas por origem de esporte de competição. Eu vou para o Programa de Pós-Graduação já em 1988, 1989 e no Programa de Pós-Graduação eu já começo a me interessar pelos estudos do processo de

---

<sup>3</sup> Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

<sup>4</sup> Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

<sup>5</sup> Ministério da Educação e Cultura.

envelhecimento. Eu começo a ter outra perspectiva que era diferente do que eu tinha anteriormente que era trabalhar com jovens, que era trabalhar mesmo que fosse sem incitar com o lazer mais para jovens e a questão do adulto e do idoso em especial me interessou trabalhar num momento que eram raros aqueles da Educação Física que estudavam o envelhecimento fora dos aspectos biológicos, ou seja, fora dos atletas veteranos. Eu fiz um levantamento do município de Niterói de uma Educação Física que eu chamei de Educação Física informal, são aquelas pessoas que vão as ruas, que ocupam os equipamentos públicos e urbanos para fazer a sua prática e para fazer uma prática autogerida quando não havia a influência... Lógico a influência midiática sempre existiu, mas uma influência do professor dizendo: “Você vai fazer isso ou você vai fazer aquilo”. Eu mapeei o município de Niterói... Niterói é um município pequeno, são noventa quilômetros quadrados e eu pude ter clareza como se distribuíam os equipamentos públicos na cidade. A gente pode pensar nisso como já pensar o lazer, os equipamentos públicos estão abertos para uma ocupação pública e aqui então tem praia, tem parques, tem praças e tal. Então eu fui investigar quem eram os velhos que ocupavam esses espaços e como ocupavam esses espaços. Eu terminei em 1992 uma dissertação de mestrado que foi “O Idoso e a Educação Física Informal em Niterói”<sup>7</sup> e logo a seguir eu viajei para o exterior com uma bolsa de doutorado. Fui para a França e eu fui para um laboratório de Sociologia onde eu dei continuidade aos estudos do envelhecimento. Eu fui por questões das validações equivocadas sobre o que era mestrado no Brasil e me obrigaram a fazer um novo mestrado. E eu fiz um novo mestrado na área da Sociologia dentro de um espaço associativo bastante tradicional na França que eram as Universidades da Terceira Idade, porém, já com uma característica que foi para mim fundamental no meu projeto de proposta pedagógica que era a ideia de não trabalhar com a questão da idade, desqualificar a idade como algo de importância para esses projetos, então, trabalhar com a questão do tempo livre. Então as Universidades da Terceira Idade que começaram na França em 1975 elas tiveram um momento de transição e se transformaram em Universidades do Tempo Livre onde a questão da intergeracionalidade era incluída. E aí era interessante que naquele momento, no Brasil, a gente começava com o *boom* dos projetos sociais para a tal da Terceira Idade.

---

<sup>6</sup> Banco Interamericano de Desenvolvimento.

<sup>7</sup> ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. O idoso e a Educação Física Informal em Niterói. Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

Logicamente que o pioneirismo foi do SESC<sup>8</sup> o embrião, porém o SESC se fundamentou na proposta inicial francesa... E a proposta do SESC começa com Universidades da Terceira Idade com uma idade cronológica dizendo quem podia participar ou não. E a França abandona essa ideia da idade cronológica e eu assumo isso como um ponto positivo porque me incomodava ver projetos que tinham a ideia da integração do velho à sociedade, mas só que era uma integração do velho a uma sociedade que é só de velhos. E aí o velho que tinha que trabalhar com o velho, ora que integração é essa quando eu limito quem tem 59 anos de ficar junto com alguém de 60? Então a proposta de intergeracionalidade era só uma aparência, a gente tinha que ter um projeto dentro dessa perspectiva... Hoje tem um garoto de 17 anos que se inscreveu... Eu não vou deixar... Lógico, se um garoto de 17 anos quer ficar no meio de gente de 60, 70, 80 isso me interessa entender. Então, quando você amplia e você trabalha com o conceito da intergeracionalidade, que é um conceito que as pessoas ainda não entenderam... E o próprio PELC<sup>9</sup>, quando ele começa e cria a ideia do Vida Saudável<sup>10</sup>, ele avança conceitualmente mas ele faz também o mesmo equívoco; ele coloca por 55 anos, ele diminuem a idade mas o problema continua visto que ele tinha uma proposta maior que era o Programa PELC que atendia todo mundo e isso daí tudo bem, mas na verdade, a ideia de trabalhar de forma intergeracional ainda não é tão compreendida como eu gostaria de ver compreendido dentro do Brasil. Mas, enfim, eu defendo uma tese de doutorado ainda dentro dos estudos do envelhecimento e algumas coisas saíram daí. Por exemplo, era a minha preocupação com a qualidade do que era oferecido porque como virou uma panaceia a atividade física, as atividades para os idosos, que é importante para o envelhecimento saudável aquela coisa toda, então, vamos todos fazer qualquer coisa. O fazer qualquer coisa é ruim e, pela falta de qualificação de quadros nos centros de formação... Por exemplo, o Rio Grande do Sul teve um avanço na universidade, em Santa Maria<sup>11</sup> quando vieram os alemães... Veio o Dieter<sup>12</sup> que era um cara que trabalhava com lazer e também com envelhecimento, mas não tocavam nesse assunto; era mais os exercícios que eram feitos aquela coisa toda e não uma preocupação com o indivíduo, com o social, quem é esse indivíduo que nos procura, por que ele nos procura ou por que eles não nos procuram... Isso foi uma das lógicas e aí quando eu passo

---

<sup>8</sup> Serviço Social do Comércio.

<sup>9</sup> Esporte e Lazer da Cidade.

<sup>10</sup> Programa Vida Saudável.

<sup>11</sup> Universidade Federal de Santa Maria.

<sup>12</sup> Nome sujeito a confirmação.



a investigar o que acontece nas aulas - e eu vou chamar de aulas - a gente percebia por falta de formação... E eu fiz uma comparação entre Brasil e França, a gente tinha propostas que hiper infantilizavam o adulto e o idoso e hiper escolarizavam os conteúdos porque, pela falta de conhecimento de como trabalhar com esse público novo que nunca tinha feito essa atividade... Você trabalhar com ex-atleta que sempre foi nadador é fácil, ele vai fazer a mesma coisa, ele vai ficar nadando dez mil metros prá lá e prá cá, prá lá e prá cá. Mas você pegar uma idosa que casou com 16 anos, ficou em casa até 40, 50 anos sob o jugo de um marido, ficou viúva e aí ela tem tempo disponível e aí ela vai para a rua... E o médico diz: “Você tem que fazer atividade física!” E ela vai para atividade física e qualquer coisa que era feito com ela já era aceito. Desde ser chamado de vovó, de se portar como criança porque é importante ser criança, então, essa aproximação do velho e a criança era muito clara. E aí eu fiz uma crítica e escrevi uma tese de doutorado cujo título foi “A pastoral do Envelhecimento Ativo”<sup>13</sup>. Ou seja, virou uma panaceia, todo mundo vai para atividade física e todo mundo vai ter o melhor dos mundos. E isso não era a proposta; a proposta era uma proposta mais objetiva e, bom, logicamente que você recebe as críticas e está tudo bem. Você é um teórico e aí a prática veio num momento que eu comecei a perceber: tudo bem, quem são esses idosos que me procuram? Porque se eles não sabem o que eu tenho a oferecer ou quais são as possibilidades e os alcances daquilo que eu ofereço? Fica uma coisa perdida... Tem um que diz que quer vir aqui para melhorar a condição aeróbica e assim responder isso, ou melhorar a dor no ombro. O outro porque tem diabetes, o outro que tem não sei o quê. E aí ficou um saco de gatos e a minha proposta foi de pegar alguma coisa que acontecia com todos, independente da idade, mas cujas consequências eram muito maiores quando se tratavam dos idosos que é a questão dos acidentes por queda. Então todo mundo cai, vocês caem, eu caio mas a forma de cair que é diferente. E o que significa isso e aí eu comecei a pensar em alguma coisa que pudesse prevenir os acidentes por quedas tendo como proposta a promoção da saúde e a inclusão de práticas de atividade física, além da perspectiva de empoderar esse grupo de idosos e desmitificar a ideia de quem cai é velho; quem cai é quem não tem mais condições de estar com autonomia e independência. A partir daí, isso foi no ano de 2001, o projeto daqui na Universidade Federal Fluminense, ele foi um projeto de extensão que teve uma boa divulgação, uma boa

---

<sup>13</sup> ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. A pastoral do Envelhecimento Ativo. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

aceitação no campo acadêmico. E aí a gente tem uma chamada que eu não me lembro quando vocês chamaram para discutir, quer dizer, já existia a ideia do Vida Saudável e aí vocês chamam diversas pessoas do Brasil para discutir...

R.R. – Foi assim, oh! O conceito de Vida Saudável surgiu na época em que o Ministro Agnelo<sup>14</sup> contactou com a Universidade de Brasília para fazer em função da área médica... Quando nós assumimos<sup>15</sup> nós trouxemos para tratar no contexto geral e aí que vocês todos foram chamados.

E.J. – Foi uma reunião e a gente não tinha ainda a proposta. Foi uma reunião provavelmente aqui em Niterói, já existia um projeto PELC eu acho que foi coordenado pelo Luíca<sup>16</sup>

R.R. – Acabamos de entrevistá-lo também!

E.J. – Pois, é pelo Luíca que foi feito, de certa forma com o nosso auxílio... Nós auxiliamos e sugerimos não só vários bolsistas mas os bolsistas que já tinham características diferentes de que muitos núcleos tinham, que eram todos professores de Educação Física. E então a gente começou aqui em Niterói, pelo nosso conhecimento, alguns núcleos com pessoas com aqueles que vieram para depois atuarmos no Projeto Vida Saudável em Niterói. Em São Gonçalo, paralelamente, a gente teve também uma possibilidade de ampliação no campo da pesquisa que foi colocar um núcleo da Rede CEDES<sup>17</sup> que teve com os recursos... Recursos estes que foram interessantes que naquele momento, quem coordenava PELC, quem coordenava a Rede CEDES e tal... E nós aqui era simplesmente a vontade de produzir conhecimento ou de possibilitar que não tinha recurso nenhum para o coordenador, o coordenador técnico que era o papel que eu fazia, não tinha recurso nenhum, então, era realmente para produzir conhecimento. E aí a gente se candidata ao Vida Saudável pela primeira vez e a gente tem um percurso... Eu não sei se não eu vou ficar falando daí você não vai poder perguntar

---

<sup>14</sup> Agnelo dos Santos Queiroz Filho, Ministro do Esporte.

<sup>15</sup> Rejane Penna Rodrigues faz referência ao cargo que assumiu como Secretária Nacional do Desenvolvimento de Esporte e de Lazer junto ao Ministério do Esporte.

<sup>16</sup> Luiz Roberto Araújo.

<sup>17</sup> Rede CEDES – Centro de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer.

R.R. – Mas está tão bom! Dá uma aula!

P.J. – Mas, a ideia é essa que a gente explore mais esse lado do Vida Saudável para contar o processo de construção, como ele foi implementado

R.R. – Só um pouquinho! Aí tu pode juntar com a questão da formação porque tu contribuístes muito na formação dos formadores.

E.J. – Isso é um desdobramento do que acontece eu aqui em Niterói. A gente conseguiu fazer com a comunidade uma ida a locais, isso é interessante, isso acho que foi para a gente um ponto importantíssimo. Eu não moro em Niterói, eu moro no Rio de Janeiro e todo mundo que trabalha aqui normalmente mora em Niterói. Niterói é pequeno, todo mundo se conhece, aquela coisa toda... O que aconteceu foi o seguinte: eu estava também num outro projeto que era o Pró-Saúde, PET-Saúde<sup>18</sup>, era um projeto do Ministério da Saúde aqui em Niterói e nesse projeto do Ministério da Saúde me interessou produzir a ideia dos acidentes por queda e da atividade física nas Unidades Básicas de Saúde e dialogar com os médicos de saúde da família de Niterói. Isso foi interessante porque quando surgiu a proposta dos núcleos para o Vida Saudável a gente apresenta diversos núcleos que eram em locais específicos de atendimento de saúde básica, então, era no Morro do Cavalão que tem uma unidade básica dos médicos de família... Aí através deles eu disse: “Topa fazer isso?” “Topo!” “Então, vamos fazer.” Então a gente começou a ter diversos núcleos que foram instalados nisso, e sempre com a possibilidade nossa de colocar quadros que fossem competentes. E não foram quadros diferentemente de alguns núcleos do Vida Saudável, quadros da região. Não eram quadros qualificados e a gente procurou a qualificação daqueles, por exemplo, eu me lembro que a gente tinha uma atividade de teatro e artes plásticas... A gente abriu um edital para vir gente da Escola de Belas Artes para fazer prova... Eu não conhecia, chamei um que era um palhaço, outra era uma pessoa também das artes plásticas da parte da atividade física que sempre foi o nosso carro forte... A gente tinha mais mobilidade mas, aquele momento, já de início a gente pensou num Projeto Vida Saudável em que a atividade física estivesse presente; a questão dos acidentes por queda

---

<sup>18</sup> Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde.

estivesse presente porque a gente levava a nossa experiência mas que a gente trazia ainda o teatro, a televisão, a televisão comunitária, a ocupação da cidade com o equipamento de lazer... E aí nós tivemos dez núcleos no primeiro momento, foram dez núcleos sim no primeiro momento. E a gente conseguiu fazer um projeto em que a partir da ideia inicial do que acontecia aqui em Niterói na Universidade Federal Fluminense, que virou um dos núcleos, a gente teve outros nove núcleos espalhados. E a gente passou a ter a proposta... O Ministério do Esporte teve a percepção do que a gente estava fazendo aqui junto com que outros estavam fazendo e criou a ideia dos formadores, ou seja, esses formadores que iam viajar pelo país ou que iam formar próximo nas suas regiões. Eu fui um dos formadores e, mais do que um dos formadores, eu fui um dos formadores dos formadores que foi um grupo diferenciado. Eu não fui um formador, porque era mais um convite... Mas mesmo a gente conseguiu fazer e na minha concepção os poucos recursos... Mas é sempre bom dizer, foram poucos recursos suficientes porque a gente conseguia ter as parcerias com os postos de saúde... Então, coisas que a gente tinha era verdadeiramente dividido para o pessoal que eram os bolsistas que eu achava que era fundamental e a ideia de material de consumo que fosse o suficiente. E a gente ainda conseguia colocar até a questão de um lanche para as pessoas que faziam, então, com passeios teve a questão do teatro, do cinema, de filmes que foram feitos por eles numa oficina de teatro; filmes estes que inclusive apresentaram naquele concurso que o Ministério do Esporte fez não me lembro o nome é.

R.R. – Prêmio Brasil e Inclusão do Esporte.

E.J. – Exatamente. A gente traz um filme, quer dizer, na verdade o nosso filme foi um filme feito pelos idosos. Eles aprenderam a mexer com equipamento de vídeo e feito por eles. Foi apresentado e agente foi classificado como terceiro lugar nesse projeto, então, a gente conseguiu ter o primeiro ano e O segundo ano foi renovado... Porque aí é uma crítica que eu fazia, porque como é que fica quando acaba o projeto? Esse é o grande problema... E se muda o Governo, então, é pior ainda e não tem garantia nenhuma de continuidade. Mas a gente teve o convite para fazer um novo projeto, ou seja, dar continuidade. Eu chamo de continuidade e essa continuidade que foi dada foi bastante interessante, foi a segunda vez e, quando estava chegando ao final, teve uma nova chamada pública que foi com uma cláusula que dizia que quem já teria tido duas inserções não poderia se

apresentar. Mas a gente conseguiu e a gente conseguiu ter a terceira, ter o terceiro contrato, então, a gente fez três anos seguidos de atendimento do Vida Saudável que se juntava à ideia da Rede CEDES. E tínhamos pesquisa, nossos projetos sempre vislumbramos a ideia de colocar a produção do conhecimento, então, alguns livros saíram através dessa parceria entre a Universidade Federal Fluminense e o Grupo de Pesquisa Envelhecimento e Atividade Física que eu coordeno e o Grupo de Pesquisa Esporte e Lazer e Natureza. A gente tem livros dentro do campo do Esporte de Lazer e Natureza, nós temos livros dentro das Atividades Físicas e Envelhecimento e com a distribuição gratuita dos livros a gente conseguiu também ampliar uma proposta à nível nacional. E eu acredito que foi muito interessante, muito interessante... Alguns equívocos e, por questões pela grandiosidade que os projetos vão tomando e da dificuldade... Essa é uma avaliação minha, de gerir isso a nível nacional porque a nível nacional a coisa é complexa e tem de tudo. E dentro desse tem de tudo... Eu me lembro de uma outra coisa que foi importante, foi quando deixaram de ser feitos os contratos com as Prefeituras e só se fazia com as universidades... Não foi uma coisa assim...

R.R. – Nós deixamos de fazer com as ONGs.<sup>19</sup>

E.J. – Com as ONGs!

R.R. – E só podemos fazer com Universidades.

E.J. – Universidades Públicas!

R.R. – É instituições públicas. Mas, de qualquer maneira, naquele tempo já existia um olhar muito importante para essa parceria com as Universidades por conta da...

E.J. – Por conta dos formadores!

R.R. – Porque aí ficava independente de Governos...

---

<sup>19</sup> Organização não governamental.

E.J. – Exatamente! Exatamente!

R.R. – E permanecia a questão do conhecimento.

E.J. – Isso foi uma coisa interessante e aqui a gente conseguiu fazer. Eles tinham um atendimento de aproximadamente três mil atendimentos que é o previsto. E a gente conseguiu fazer o Vida Saudável avançar e, depois, a gente foi surpreendido porque eu... Juro, todo o ano eu dizia que eu não ia pegar mais porque é muito trabalho e não gosto de andar de avião; não gosto de ir a Brasília e aí você tem que fazer determinadas coisas e simplesmente chegou num determinado momento houve uma proposta a nível lá da Secretaria... Só quem teve um ou dois contratos poderia se candidatar e aí acaba o Vida Saudável em Niterói São Gonçalo sob a minha... Poderia ter outras possibilidades mas não me interessou fazer e aí algumas pessoas de Niterói falaram: “Edmundo, você não vai apresentar o projeto?” “Não, não vou apresentar porque tá fora, porque eu já estou eliminado por uma”... Eu não quis fazer um jogo de: vamos quebrar essa regra. E poderia, por conta de eu achar que era merecedor e pelos argumentos que eu poderia apresentar. E aí o que aconteceu? A Universidade apresenta um projeto, não mais por mim, ela apresenta um projeto, um funcionário daqui de Niterói e não tocou e o dinheiro foi devolvido; o dinheiro veio e o dinheiro foi devolvido o que era também sempre um dos problemas porque o empenho aqui era feito em dezembro e o dinheiro não saía... Olha, teve uma vez que eu estava na Europa, num orelhão da Europa liberando recursos por conta de um pessoal do financeiro daqui que trabalhou no dia 23, 24 de dezembro. E a gente tinha uma relação que se entendia e que a gente conseguiu fazer isso porque senão perdia. E o que aconteceu com o outro que perdeu? Perdeu e eu me recolhi. Nesse meio tempo do projeto aparece a piscina e eu introduzo a ideia da hidroginástica para a preservação de quedas... E se eu botar cinquenta turmas, eu tenho cinquenta turmas completas. E a gente conseguiu ainda no tempo do Vida Saudável... Foi a piscina, mas eu tinha menos oferta e aí o que aconteceu? Nós deixamos de ter o Vida Saudável fora dos muros da Universidade e mantivemos o núcleo que era o Núcleo Prev-Quedas aqui da UFF, trabalhando tal qual a gente havia proposto desde o ano de 2001 só que, graças ao PELC e ao Vida Saudável, a gente cresceu... E ao crescer eu tinha a seguinte função: eu não tinha mais bolsista, como é que eu faço? Aí eu tive algumas ideias: eu faço parte de um programa de Pós-Graduação de mestrado e doutorado, então, alguns dos nossos ex-bolsistas estavam fazendo

doutorado... Fazer pesquisas com o nosso grupo, então, vamos testar algumas coisas... A gente poderia manter atendimentos e a gente fez isso e além disso eu passo a ter *upgrade* pois quando eu saio do PET-Saúde eu entro para o Programa de Residência Multi Profissional. E aí eu tenho os residentes, então, eu tenho à disposição dentro de umas áreas desse programa Saúde do Adulto e do Idoso. Eu tenho hoje seis pessoas que são professores de Educação Física, ex-alunos, alguns ex-atuantes do PELC, então, a gente tem vários que atuaram na nossa proposta, que tiveram uma formação e que hoje de novo estão trabalhando, mas só que dentro dos limites da Universidade.

R.R. – Professor, o senhor diria que o PELC cumpriu uma função de política pública na relação com a Universidade e ao mesmo tempo a Universidade contribuiu com a política pública governamental de esporte e lazer?

E.J. – Eu, acho que houve uma rua de mão dupla, entendendo a gente pode operacionalizar o que teoricamente a gente já estava estudando. Eu diria dessa forma, isso é fundamental porque a gente precisa de recurso para produzir... Se eu chegar com o meu livro e falar é um livro sobre envelhecimento, fazer um livro sobre lazer mesmo, quem é que vai comprar? Quem é que vai bancar isso? Então essa possibilidade que a política pública, no caso, foi de entender de uma forma mais ampla o que se faz no âmbito do Programa Esporte Lazer e Cidade. Isso foi fundamental, nos deu uma projeção... O que aconteceu? Os núcleos acabaram, mas como ficaram diversas pessoas que vieram, migraram para cá, então, nós temos atividades que vai ter gente com as camisas do PELC. O que eu vou dizer é que um dos grandes equívocos que aconteceu: o PELC não conseguiu entender como é importante essa divulgação. Eu, raras vezes, eu tive camisas e aqui as pessoas vinham para fazer atividade com a camisa de outros projetos. Foi como você dar tiro no pé. Eu estou aqui e usam a camisa do projeto Gugu, do projeto não sei o quê. Eles resolveram tudo, agora os que receberam a camisa todos usam a camisa; os que receberam o boné, todos usam o boné. E foi uma briga o tempo todo porque não mandavam e, quando mandavam, o que eu pedia? Eu pedia camisa e vinha boné e ainda tenho boné a três por dois, enfim, isso foi um problema porque eu acho que, talvez, gerir em âmbito nacional tudo isso com poucos recursos que eu reconheço... Com poucos recursos, está entendendo? É difícil, então, em nenhum momento... E isso eu quero louvar também: não foi me cobrado qualquer posição política por parte do Ministério, era um projeto a político o tempo todo e,

mesmo sendo um projeto visando, de estabelecimento de políticas públicas... Agora a coisa de deixar para a comunidade o legado dela, se desenvolver isso, eu acho que foi um problema porque não dá. Ou você faz com qualidade ou trabalha com profissionais... A bolsa acabou se tornando uma bolsa reduzida para profissionais, era uma bolsa interessante para o estudante. Eu não trabalho com estudantes, eu trabalho com professores com mestrado, alguns entrando no doutorado, ora essa é uma mão de obra cara e de qualidade. Bem, depois a cada ano... Acho que você já não estava<sup>20</sup> mais tinha ameaça: “Vai sair um novo edital, vai sair um novo edital”. Agora eu recebi uma carta: saiu um novo edital eu não me apresentei e no ano passado há dois anos atrás teve um outro edital que dizia que eu só poderia se escrever quem não tivesse se apresentado mais de uma vez. E aí eu estou fora e eu fui chamado pelo reitor que seria o reitor eleito e o reitor colocou na mesa, com palavras textuais: “A gente normalmente sempre trabalhou de baixo prá cima; a proposta vem de baixo prá cima”, ele me falou textualmente. “Agora é de cima prá baixo”, ou seja, era a proposta deles que me chamava para ir ou não... Porque, no fundo, como é que funciona? Eu faço o projeto e o projeto é da Universidade, é o reitor que assina. Agora é diferente, o reitor fazendo o projeto para mandar, para eu dizer: eu aceito ou eu não aceito. E aí como eu tinha uma certa relação com o vice-reitor e que é um pesquisador, o professor Antônio Claudio<sup>21</sup>... O professor Antônio Claudio falou: “Vamos ficar com quatro núcleos”. Eram trinta e a gente já dizia, olha, isso é impossível de ser gerido fisicamente por uma instituição. Aí me chamaram para coordenar e eu falei: “Olha, estou fora”. Não coordeno isso não porque era núcleo aqui e ali e a Universidade tem campus aqui em Niterói, em Friburgo, em Petrópolis em cada lugar que a Universidade tinha eles queriam colocar núcleo. Como é que você vai coordenar um negócio desses? E sem contar que eu era contrapartida.

R.R. – Que era o caso de uma Universidade

E.J. – Exatamente e aí tinha uma outra coisa que me incomodava e eu comecei também a induzir o pessoal da UFRJ<sup>22</sup> a fazer. Na UFRJ é direto, tem que ser via fundação, ou seja, o dinheiro que o Ministério entrava por uma fundação que não fazia nada e que ficava com

---

<sup>20</sup> Referência a Rejane Penna Rodrigues, uma das entrevistadoras.

<sup>21</sup> Antônio Claudio Lucas da Nóbrega.

<sup>22</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro.



10% dos recursos. Em nenhum momento aqui eu passei pela fundação, a gente conseguiu fazer com que o dinheiro viesse direto para os cofres da Universidade e que fosse usado diretamente por nós. Aí já com a nova proposta, essa última, eu ficaria com três núcleos... Tudo bem, um era esse que já estava montado, os outros dois eu pegava o que a gente tinha... Não tinha problema e simplesmente a gente soube que foi aprovado o projeto; um projeto de trinta núcleos e, salvo algum equívoco, era em torno de três milhões e alguma coisa. Eu queria ter os três núcleos e recebo um telefonema no âmbito da Universidade dizendo: “Olha mudou tudo. Se você quiser participar a gente precisa das instalações de vocês de manhã à noite”. Isso aqui é uma Universidade, a gente atende alunos, a gente tem diversas coisas acontecendo e não poderia ser isso só. Aí falou: “Não, tá rompido!” E no rompimento eu acompanhei porque eu conheço os formadores. Foi feito uma e isso eu acho que é importante colocar em forma de denúncia porque foi feito uma chamada pública por um edital para selecionar os formadores; ela foi lançada numa sexta-feira e terminou numa sexta-feira e era tipo, setecentas pessoas que foram selecionadas. E, logicamente, que isso foi uma seleção de indicação prá dizer que foi feito pela fundação; pela fundação com pessoas que ninguém conhecia, ou seja, os coordenadores dos núcleos, os bolsistas que iam atuar nos núcleos, oficinairos nenhum deles era conhecido. Ninguém daqui da Universidade... Imagina, era só colocar o cartaz aqui que os nossos estudantes iriam se apresentar... E foi feito o treinamento, veio o recurso e, assim eu entendo, porque quando começa o treinamento da formação...

R.R. – Já está liberado o recurso...

E.J. – Para setecentas pessoas e foi feito e não receberam nem os diplomas e eu sou cobrado como se eu estivesse com alguma responsabilidade... “Professor, quero saber desse negócio...” Ano passado eu recebi uma carta convidando para me apresentar para uma nova proposta de Vida Saudável, mas eu não estava mais na pilha. Agora se você quer perguntar alguma coisa, fica à vontade.

P.J. – Só em relação a formação, como é que foi construída esse currículo de formação... As temáticas que foram abordadas para passar para os outros formadores?

E.J. – A gente criou diversas oficinas e criamos essas ementas de Arte Terapia; ementa de Formação Cinematográfica, ementa de... A gente pode, a partir das ementas, dar pista para que as pessoas pudessem desenvolver nessa proposta de formação global... A gente teve em Belo Horizonte em um momento... Os formadores foram para Belo Horizonte e eu falei para os formadores e teve um outro momento também aqui em Niterói que eu falei para os formadores também. Então eu acho que a minha função de auxiliar na formação dos formadores foi através da divulgação do material que estava escrito em livro e da minha presença e da fala das nossas experiências. Dos erros, dos acertos, das dificuldades, então, na formação acho que isso. Logicamente quando vinham os formadores - isso eu acho interessante - os formadores da Região Sudeste vinham para formar os nossos era uma coisa enfiada porque os nossos eram formados por mim e que tinham muito mais experiência às vezes do que algum dos formadores que vinham. E ficava uma coisa: “Puxa vida, a gente vai ter que fazer isso?” Mas aí a gente acabou... Como tinha uma certa relação com os formadores que vinham adequando a proposta para aprender também. Mas a formação se deu e eram três formações: era uma formação inicial, mas só que a formação inicial se repetia para o mesmo grupo que já tinha sido formado três vezes anteriormente, então, isso era um equívoco na formação. A gente cumpria o que era um acordo: “Tem que fazer a formação”...

R.R. – Infelizmente o Edmundo não pegou uma outra parte que foi a da prorrogação dos prazos. Em vez de ser um ano só, os projetos passaram a ser dois e aí teria sido melhor tanto na questão da formação quanto na questão, enfim, do próprio núcleo

E.J. – Eu acho que eu peguei uma dessas... Foi a que eu fiquei três anos.

R.R. – Ah! Foi por isso

E.J. – Exatamente, fiquei três anos.

R.R. – E que no fim tudo remete para a falta de recursos mesmo, porque assim: Se tu queria chegar em mais lugares e tu mantivesse pouco recurso sempre nos mesmos como é

que tu ia fazer a política nacional? Por outro lado, sacrificava coisas que estavam em bom andamento. Foi muito difícil!

E.J. – E ai eu acho que uma das coisas da Secretaria<sup>23</sup>... Nunca se produziu tantos livros que ainda estão à disposição; isso é importante, essa divulgação de conhecimento que poucas pessoas sabem que tem aquilo à disposição. Isso é outra coisa que eu vejo... Tem os livros lá para divulgar... Eu não sei não, tem livro aí cadastrado, tá faltando... Quem fez isso foi o Giovani<sup>24</sup>, tem coisa minha que ainda não tá lá<sup>25</sup>, tá entendendo? E olha, com o dinheiro do Ministério... Eu tenho um livro, dois livros sobre Esporte Lazer e Natureza; sobre Envelhecimento eu tenho um, dois, três, quatro livros.... Nós temos lançado por essa possibilidade um dos poucos ou o único livro no Brasil que fala sobre Envelhecimento e Quedas, então, a gente deu uma contribuição e eu acho que essa contribuição foi de parceria sem nenhum interesse maior do que a produção de conhecimento, do atendimento comunitário e de uma possibilidade de pensar e repensar políticas públicas.

P.J. – Tu atuaste com formação só aqui em Niterói?

E.J. – Eu atuei como formador?

P.J. – Com os formadores do PELC.

E.J. – Não! São duas coisas: eu fui um dos que auxiliou na formação dos formadores e aí foi na região sudeste; teve por Brasília algumas reuniões e eu fui, eu recebi os formadores oficiais aqui e ai era um processo de três formações anuais.

P.J. – E teria ai nessa tua trajetória algum ponto de destaque nessas formações em relação ao que foi abordado ou algum fato que tenha...

E.J. – Olha, eu ousou dizer que os formadores que vieram eles trabalharam com os nossos referenciais, então, eu não posso criticar a formação deles. Só que os nossos referenciais já

---

<sup>23</sup> Secretaria Nacional do Desenvolvimento de Esporte e de Lazer.

<sup>24</sup> Giovani de Lorenzi Pires.

<sup>25</sup> Referência ao Repositório Institucional Vitor Marinho.

eram de domínio não que não tenha sido útil, mas nós éramos um caso específico, não dá para colocar no mesmo pacote de outros que não tinham esse acesso.

P.J. – E como tu avalia... Como o Vida Saudável impactou na sociedade e também aqui na Universidade?

E. J. – Sim! Acho que impactou no sentido de ocupar a cidade como um projeto de lazer diferenciado, com responsabilidade, pois ele era ligado com a chancela da Universidade. Além da chancela do Ministério e eu acho que isso é fundamental e deu credibilidade durante um tempo por conta das sequencias do projeto, porém a dificuldade dele ser uma política pública assumida, vamos dizer assim, que a Prefeitura assumisse e mantivesse... Vamos dizer que fosse uma proposta, isso não acontece e a Prefeitura pouco se lixou; o meu contato com a Prefeitura é que... Houve de verdade foi com a Secretaria da Saúde porque restaram os postos de saúde, vários núcleos aconteceram em postos de saúde, mas foram coisas que foram acontecendo e enfim...

R.R. – E aí Edmundo tu foste um dos pioneiros na questão da intersetorialidade das ações do esporte e do lazer, tanto pela ligação com a saúde e pela ligação com a Universidade quanto pela ligação com a Sociologia, Antropologia. Você foi um verdadeiro mestre e isso é bom deixar registrado porque esse era o reconhecimento que o Ministério tinha com relação ao Edmundo.

E.J. – É, eu acho que a gente tem essa possibilidade que foi desenvolvida e que o tempo todo eu vou responder, vou repetir... É porque eu sempre pensei a atividade extensionista da Universidade, ela só pode existir se for ligada ao ensino e à pesquisa. Então isso só pode acontecer dentro de uma Universidade. Quando você vai fazer com uma ONG, a ONG não tem esse compromisso; quando você vai fazer com uma prefeitura, a prefeitura não tem esse compromisso, essa expertise, então, quando você tem essa proposta com a Universidade a qualidade é fundamental... A quantidade de pessoas atendidas é uma consequência, mas se você pensar que as pessoas são carentes no sentido da ausência de políticas públicas de lazer, o que você oferecer eles querem, então, quando você começa a colocar a qualidade... E há um reconhecimento, agora infelizmente, a falta de continuidade, a falta de articulação com a prefeitura... Vocês sabem também que, às vezes, a prefeitura

não está ligada politicamente ao Estado ou ao próprio federal. Aí não tem interesse em fazer com que essa coisa avance...

, então, nós tivemos um núcleo estabelecido na Ilha da Conceição e nós chegamos lá e eu não conhecia o lugar; os médicos me sugeriram que tinha uma quadra, que tinha um salão, que tinha aquela coisa toda e ai fomos para lá e os médicos de família falaram: “Olha só, temos um problema: o pessoal que mora no morro em cima não desce e o pessoal que mora embaixo não sobe”. E nós criamos um núcleo, um subnúcleo na laje de uma moradora no morro, então, a gente pôde atender o pessoal do morro que não descia; numa laje a gente criou a situação... O médico de família falou: “Olha, vamos fazer dessa forma”. Isso é interessante... Agora o mais interessante é que o governo do Estado do Rio de Janeiro colocou um núcleo embaixo, ao lado do nosso, depois que a gente está implantado e que não vingou. Então é um troço meio louco que é a falta de diálogo existente entre os governantes... A política pública tem que projeto porque tem uma camada desassistida... Nós somos o único projeto gratuito de hidroginástica do município de Niterói eu estou recebendo gente aqui encaminhada pelo Instituto de Traumatologia e Ortopedia, dos hospitais. Eles estão reconhecendo o nosso projeto que é de lazer, mas que trabalha essa questão das quedas, então, a gente passou a ser uma referência sobre o estudo de quedas, mas isso só é possível porque a gente está fazendo pesquisa e que tem o material humano porque se a gente não tivesse o material humano, a gente não ia fazer nada. Certamente são as pessoas que estão frequentando, participando satisfeitas pelo seu bem-estar pela sua qualidade de vida e eu acho que isso é o fundamental.

P.J. – Tem alguma coisa que a gente não perguntou que o senhor gostaria de deixar registrado?

E.J. – Não. Eu acho que é isso eu falei tudo. Eu falo demais, acho que é isso. Eu lamento e ao mesmo tempo tenho a felicidade de ter podido participar dessa ousadia; eu considerei uma ousadia porque foi bastante trabalhoso para fazer; é um trabalho sério e bastante trabalhoso e isso foi gratificante nesse sentido e tem frutos, tem muitos frutos.

P.J.; - Então, a gente agradece e coloca o Centro de Memória a disposição também.

[FINAL DA ENTREVISTA]

